

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## USOS E COSTUMES, TRADIÇÕES E BRUXARIA NAS OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1926 | Número: 36

---

### Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Usos e costumes, tradições e bruxaria nas obras de Camilo Castelo Branco. *Revista de Guimarães*, 36 (1) Jan.-Mar. 1926, p. 54-63.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Usos e Costumes, Tradições e Bruxaria

nas obras de

**Camilo Castelo-Branco**

(Continuação da página 258 do vol. anterior)

«Neste espasmo estava eu, quando de uma barroca próxima me saíu um lavrador com uma gabada de canas-milhas, sobraçada, e sacola ao ombro.

— Guarde-o Deus! — me disse êle.

— Muito boas noites, respondi, descobrindo-me.

— Que busca?

— Ia bater nesta porta, para pedir ao dono da casa o favor de me dar agasalho.

— Levante o gramêlho, e entre. O dono da casa sou eu. Vossemecê é caçador?

— *De cana, que come mais do que ganha*, diz lá o ditado.

— E' de longe?

— Sou da Ribeira.

— Longe veio!... Mas vossemecê está muito sêco.

— Estou sêco?!

— Sim; diz lá o outro: *Não se pescam trutas a bragas enxutas...* Não o vejo molhado!» — (*Noites de Lamego*, pág. 184-185).

Gabada, têrmo acima empregado por Camilo, não o vejo dicionarizado, sendo todavia muito popular e empregado, e tendo a mesma significação que gavela — braçado, arregaçada, etc.

O ditado — *De cana, que come mais do que ganha*, desconhecia; e o — *Não se pescam trutas*

*a bragas enxutas*, não sendo muito vulgar, vem nos «Apólogos Dialogaes», de Francisco Manuel de Melo.

— Nada! o padre Vicente era o peregrino que veio aqui rematar a sua atribulada penitência — redargüi, agarrado à poesia fúnebre do lance.

— Será isso, será; mas então de quem é a alma que anda na adega?

— Pois anda lá uma alma?

— Ainda não lho tinha dito?! Ninguém lá entra, assim que é noite. Ouve-se remexer dinheiro, e arrastar ferros, e dar gemidos. Já lá têm ido padres, requerer a alma e fazer as rezas; mas é tempo perdido. Se não é a alma penada do padre Vicente, é a de meu tio, Deus lhe perdôe!...» — (*Obra citada*, pág. 196).

O padrinho de Vicente tinha enterrado o dinheiro na adega. E' do saber corrente que quem enterra dinheiro, ou se parte desta vida sem ter cumprido alguma promessa religiosamente feita, a sua alma não entra em repouso e passa a vaguear perdidamente por este mundo.

Daí a legião das almas penadas, almas do outro mundo, que aparecem altas horas pelas quebradas dos caminhos, e dentro de certas casas, etc.

Consiglieri Pedroso diz: «O motivo mais geralmente aduzido na tradição popular para a presença na terra de almas penadas ou almas do outro mundo, é a não satisfação de uma promessa que elas tivessem feito antes de morrer.»

Vêm depois ao mundo estas almas pedir que lhes paguem as promessas, para seu eterno descanso.

Por vezes, a alma ou espírito dos defuntos mete-se no corpo dos vivos, e é dentro das pessoas escolhidas que elles falam.

Há entre nós muitas lendas sobre este motivo das almas penadas, e ainda hoje se apontam casas onde elas andam e lugares onde ainda aparecem.

“D. Filipa Paiva e Pona foi a banhos de mar, à conta de flatos e enchimentos de estômago, e outras doenças de má cara. O cirurgião mentira. A morgada de Encavalgados era sãdia, nédia e oleosa como um chouriço de sangue. Fôra João Fernandes que a induzira a queixar-se de uma dor da ilharga esquerda, e a deitar-se da cama abaixo, ululando uns gritos histéricos, e torcendo-se em trejeitos e esgares tam assustadores, que a gente de mais são critério de Canelas deu a fidalga como possessa de cão-tinhoso, contra o qual se fariam exorcismos, se o demónio se não antecipasse a dizer, pela bôca do cirurgião, que a morgada precisava de banhos de mar.” — (*Obra citada*, pág. 233).

Qualquer doença mais impertinente e de definhamento, e sobretudo casos de histerismo ou gota, levam o povo a supor ruminação de porco-sujo.

Já num ponto qualquer dêste estudo-esbôço o assunto foi abordado.

Demais êle é tam vulgar ainda hoje que dispensa muitas delongas.

“ — *Remenda teu pano, chegar-te há ao ano*, dizia a Morgada de Travanca.” — (*A queda de um anjo*, pág. 10).

O povo torna êste velho e acertado dizer mais completo: *e torna a remendar, que te torna a chegar*.

“Quando morara na Alfama, observara êle que, naquele bairro, as mulheres eram sardentas, roxo-terra, e crespas de pele.

Pois o clássico Marinho saía-lhe com êste desmentido aos seus próprios olhos:

“Tem mais outra propriedade oculta a água do chafariz (de El-Rei), que é conservar os rostos das mulheres, que com ela se lavam, em uma alvura engraçada, e côr natural tam encarnada, que não necessita de unturas, nem confecções, com que elas se envelhecem antes do tempo: *o que se vê claramente na vantagem que as de Alfama levam às dos outros bairros*

*no carão, rosto mimoso e côr que logo se conhece por natural; e se bastará isto, por desengano às que as usam postiças, não fôra pequeno o fruto, que se tirara de ler êste parágrafo, havendo quem lho recitasse.* — (Obra citada, pág. 29-30).

A fôlhas 26 e 27 da mesma obra ainda vêm, de maneira isolada e feitas por alto, as referências seguintes :

“Recorreu ao seu clássico Luís Mendes, no artigo água, e leu que o chafariz de El-Rei dava uma linfa gostosa e de suave quentura, a qual limpava a garganta de tôda a rouquidão, e afinava as vozes, e assim, dizia o clássico, *não errará quem disser que ela é causa das boas vozes que em Lisboa docemente ouvimos cantar; e também dos bons carões que conservam as mulheres.*”

.....  
 “Bebeu à tripa-fôrra o deputado, e teve uma dor de barriga precursora de febres quartãs. Valeu-se ainda do seu clássico, e por conta dêle mandou buscar à Pimenteira outro barril de água, a qual, diz o citado autor, *se busca para os doentes de febres.*”

O povo vê também nas águas milagrosas, que brotam das fontes onde os santos lhe deram sôpro de nascença ou bênção de virtude, o melhor remédio para encarangaços de doenças.

Que lista enorme dariam as fontes santas de todo o Portugal, com o curioso exemplo das curas e sugestivo milagre da eficácia!

Nós temos a água da fonte de S. Torcato, onde os romeiros lavam a cara, os pés e banham a roupa e os catraios, porque o seu poder está firmado de nomeada, e temos igualmente a água da Fonte Santa (S. Gualter), onde na véspera de S. João muita gente vai supersticiosamente bebê-la, tendo noutros tempos a arraigada fama de curar tolhidos, chaguentos, etc.

A fonte da Senhora da Luz, em Santa Leo-

cádia, é milagrosa para a vista a quem lava com a sua água os olhos.

Agora um bocado de prosa do jornal *Diário de Notícias*, sôbre a célebre questão das águas do Andaluz, e que vem muito a propósito, visto falar no chafariz de El-Rei e citar as mesmas passagens que Camilo colheu em antigos calha-maços :

«Entre a chusma de cartas, comunicados, artigos de entusiasmo e calor, que todos os dias nos tombam sôbre a mesa da redacção, em prol das tam discutidas águas do chafariz do Andaluz, aparece por vezes, à margem do assunto fundamental, uma ou outra informação curiosa, citação bibliográfica, nota de carácter anedótico, em que pomos reparo e que entendemos dever dar-lhe merecida publicidade.

Está neste caso o trecho de um livro sôbre a Lisboa de velhos tempos, que um dedicado leitor do nosso jornal nos envia como bom acepipe, e que vem muito a propósito das águas do Andaluz.

Segue, tal qual a nossas mãos chegou :

«Antigamente tinha Lisboa muito boa água, para si e para repartir com as outras povoações. No sítio antigo de Lisboa, as fontes chamadas «do chafariz» ficavam dentro do Castelo, e muito perto das águas situadas junto das portas de Alfama. O Senado da Câmara quis trazer mais águas de Fanhões e Belas, e tinha para a fábrica de aquedutos mais de 600.000 cruzados, que foram gastos nas grandiosas festas de recebimento e triunfo com que entrou em Lisboa D. Filipe III de Castela; e não se fizeram as obras.

As águas do chafariz de El-Rei, junto à muralha que descia da Porta do Sol, diz Mendes de Vasconcelos que eram muito saborosas, quentes, e muito sadias e proveitosas, mas a experiência provou que os seus efeitos eram diversos da suavidade que apresentavam, pois lhe atribuíram os médicos a destemperança de fígado, que muitas pessoas padeciam e de que procediam várias enfermidades. A causa, diziam, era devida à sua passagem por terra salitrada, pois na sua origem eram puras, excelentes e muito leves. Tinha esta água as seguintes propriedades ocultas : preservavava dos catarrros e serrações do peito, não fazendo abalo aos forasteiros; era causa das boas vozes dos cantores de Lisboa, da Real Capela e Religiosas dos Mosteiros, que, segundo Mendes de Vasconcelos, «mais parece, quando cantam, ouvirem-se coros de anjos que vozes humanas. Em tôda a parte são encarecidas as vozes dos cantores dos Campos Elísios (Lisboa), etc.»

Outra propriedade oculta destas águas era «conservar os rostos das mulheres que com ela se lavavam, tornando-os de alvura engraçada e côr natural encarnada, não necessitando de pinturas nem confeições», como se via na vanta-

gem que as mulheres de Alfama levavam às dos outros bairros, em rosto mimoso e côrado.

Outro tesouro de águas salutíferas de Lisboa são as dos banhos quentes de uma Alcaçaria de Alfama, numa casa junto ao «Arco da Lavagem», as quais não são inferiores às das Caldas, em efeitos, etc.

Da água do Chafariz dos Cavalos, da rua Nova (hoje S. Paulo), podem dizer-se as seguintes propriedades: lavando-se com elas os olhos doentes, colhida antes que saia o sol, faz efeitos milagrosos; além disso, tem a propriedade de engordar, em breve tempo, as cavalgadas que dela bebem.

A água da fonte da Pipa aproveitava muito aos que sofriam de mal de pedra.

A da Pimenteira, poços do Borratém, de Nun'Alvares e de D. Guiomar a S. Bento, eram excelentes para o fígado, etc. Não há água em Lisboa, das antigas nascentes, que não tenha alguma virtude oculta, que muitas vezes ignoramos por nossa negligência e falta de experiência, etc.»

Mais outro bocadinho do mesmo jornal, que embora isolado, é interessante e curioso:

«A Bica dos Olhos, tem uma história comprida e não vale a pena, leitor, maçar. Um António Ferreira, carpinteiro, em 1675, tinha uma casa na Porta do Pó. Comprara-a por um conto, setecentos e cinquenta mil réis. A Porta do Pó é hoje a Rua da Boa Vista. A casa tinha a serventia principal pela Calçada de Salvador Correia de Sá, que se chama hoje Calçada de S. João Nepomuceno. A bica corria num terreno vago e o Ferreira pediu à Câmara para a mudar, o que lhe foi concedido. Granjeou a bica fama de milagrosa, tendo a sua água virtude «para inflamações dos olhos, tomando-a da Bica antes de nascer o Sol, e lavando-os com ela a qualquer hora». Tal fama e tal virtude tentou um francês, que a vendia em frascos com pomposo nome, o que, sabido, lhe proibiram, e um ministro inglês requeria-a para o seu banho, achando que o que faz bem aos olhos não pode deixar de fazer bem ao corpo todo.

Nem só, porém, a Bica dos Olhos teve virtudes terapêuticas. A água do Chafariz do Rei foi muito apreciada; a da Bica do Sapato era boa para doenças de fígado e «queixas da ourina»; a do Poço do Borratém chegou a ser elogiada por Curvo Semedo.

Mas há bizarrrias nesta coisa de chafarizes. No de S. Paulo, a gente do mar teve um lugar privilegiado. Mas havia de ir com barril próprio em que se lessem o número e as letras do barco.

E quantas, quantas coisas interessantes se não saberiam tratando com vagar destas velharias notáveis! As bicas e chafarizes! Pois é um assunto bem curioso, saibam todos quantos êste virem, em verdade o afirmamos.»

“Eu tenho de a ler àmanhã a um tendeiro que me vendeu figos de comadre”, etc. — (*Obra cit.*, pág. 60).

*Figos de comadre*, chama assim o povo aos figos grandes de caixa, figos de presente aos afilhados, de oferta e de consoada.

“Eu digo ao leitor o que as mães dos recém-nascidos dizem aos filhos mais velhos: vieram de França numa condessinha.” — (*Obra citada*, pág. 254).

#### Vulgar e conhecido.

“De usos e costumes apenas notou a duvidosa mascarada da missa nova em Tomar, e a orgia dos enterros, que nos esqueceu de trasladar, e para aqui vertemos agora: “Esta usança vimos nas exéquias dos defuntos (*em Tomar*). Quando morre alguém, levam para a igreja vinho, carne, pão, e outros comestíveis, os amigos do morto que vão no préstito, com as cabeças cobertas à laia de frades. É depois que entram, alguns dêles, vestidos de negro, pegam a chorar de modo que fazem rir, como cá entre nós fazem rir os bêbedos.”

.....  
Os nossos portugueses de então se vissem isto, riam de certo como os boémios haviam rido das carpideiras de Tomar.

O historiador morreu em 1479, se é que pode morrer um homem que deixou um livro de viagens tam deleitoso como o latim do cónego Paulewicz que o traduziu do boémio.” — (*Cousas leves e pesadas*, capítulo *Portugal há quatrocentos anos*, pág. 93-94 e 96).

As carpideiras eram mulheres de modo de vida estabelecido, que exploravam dentro de um entranhado uso e costumeira velha, com lágrimas e apantos de dor fingida, o sentimento pago das famílias doridas.

Ganhavam um quarto de trigo, e por vezes uma fartadela de bandulho.

Ainda hoje se diz, nas aldeias, quando alguma mulher vestida de dó, passa a visitar algum



defunto, em exposição na sua casa: *O' Maria, tu vais ganhar o quarto?*

A função das carpideiras era um vestígio flagrante do paganismo, porque dantes, os pagãos, pagavam a quem chorasse pelos mortos, e hoje os bons cristãos pagam a quem ore.

Quanto ao uso de seguir atrás do entérro a oferta para o padre, era freqüente em tôdas as freguesias, porém um pouco variável na maneira da condução e do seu valor.

Só como amostra vão a seguir alguns exemplos, que dão perfeitamente a ideia geral dessa costumeira acabada:

— «Na freguesia de *Pencelo (S. João Baptista)* são obrigados os cabeceiras a mandarem, com o corpo do defunto, uma oferta que valha oitocentos reis, ou em coisas comestíveis ou em dinheiro. Sendo em coisas comestíveis, vem a ser um presunto ou um carneiro e um almude de vinho, vindo numa cesta uma broa, dois bacalhaus, seis pães brancos ou outra coisa que bem o valha. São também obrigados os doridos a darem cera e vinho para os ofícios e ainda um beberete para os padres do officio, que consta de pão branco, vinho, etc., a cada padre.» — (*Do Livro de Usos e Costumes da freguesia de Pencelo — 1707*).

— «Na freguesia de *Tagilde (Salvador)* as mulheres solteiras ou as suas filhas eram obrigadas a levarem a obrada ou oferta paroquial para a igreja, com o cadáver, e só na falta destas eram obrigadas as casadas». «A oferta dos cabeceiras era: três alqueires de pão (um de centeio e dois de milho alvo), um almude de vinho, um presunto de dez arráteis, um carneiro, um cesto de pão branco, que traga um tostão ou seis vinténs, e 2\$500 pela ementa ou reza anual.» — (*Revista de Guimarães*, vol. XI, pág. 16 e 20).

— «Na freguesia de *Souto (S.<sup>ta</sup> Maria)*, antigamente, adiante do cadáver, no accompanha-

mento, caminhava uma pessoa com uma cesta, em que ia *a oferta* para o pároco, a qual devia valer um tostão e que ordinariamente era um quarto de milhão, oito ovos e uma infusa de meia canada de vinho. — No domingo seguinte ao entêrro, os parentes do falecido vinham à igreja fazer o *obradório*, ajoelhando-se no arco cruzeiro e dando um vintém por cada responso." — (*Livro 1.º manuscrito, do Abade de Tagilde*).

— "Na freguesia de *Souto (S. Salvador)* havia o uso de cada cabeceira dar por acompanhamento um cruzado e as meias cabeceiras metade, sendo esta moeda conduzida por um homem ou mulher, espetada num limão, maçã ou qualquer outro fruto, e êste cravado num pau. O condutor fazia parte do acompanhamento, colocado junto do cadáver." — (*Livro citado*).

— "Na freguesia de *Gondomar (S. Martinho)* os *cadáveres* dos falecidos no lugar da Ajuda são conduzidos sempre pelo adro da capela da Senhora, passando sob o cabido, e aí se lhes reza um responso. Apesar de ser proibido pelo visitador, em 1788, ainda hoje se reza. — Na 1.ª oitava de Natal, com assistência de duas pessoas de cada casa, rezam-se no adro quinze mistérios, e no dia 1 de Janeiro e dia de Reis dez mistérios, assistindo uma só pessoa da casa e no fim das rezas distribuem-se *seis almudes de vinho*, que é pago por diferentes casais." — (*Livro 2.º manuscrito, do aut. cit.*).

— "Na freguesia de *Arosa, obradório* no domingo seguinte ao falecimento, trazendo um canistel, que valha 50 reis, e tendo o indivíduo que o traz uma candeíinha ou vela, acesa, na mão, enquanto o padre reza o responso." — (*Livro e autor citados*).

— "Na freguesia de *Ronfe (S. Tiago)*, é uso e costume dar de *cobaje* duas rasas de grão, uma de milho alvo, outra de centeio, por cada

uma das cabeceiras, assim homem como mulher, no dia de sua sepultura, que acompanham o corpo do defunto para a igreja. Estas duas rasas de grão, a que chamam *cobaje*, se dão ao R.<sup>do</sup> desta igreja, ou o defunto se sepulte dentro da igreja ou no adro dela. — E' mais uso e costume dar de oferta e corpo presente em o dito dia da sepultura, por cada uma das ditas cabeceiras, assim homem como mulher, o seguinte: um almude de vinho bom; dois tostões de pão branco, uma broa de pão de segunda, de meia rasa; um carneiro e um presunto. Esta oferta também acompanha o corpo do defunto até à igreja, onde se oferta e pertence ao R.<sup>do</sup> desta igreja." — (*Do Livro de Usos e Costumes da freguesia de Ronfe — 1709*).

Podia citar mais e curiosos exemplos, mas ficam para formar mais tarde um estudo de amplo desenvolvimento, para o que ando recolhendo materiais.

Para mais completa elucidação sôbre êste curioso assunto, veja-se ainda o artigo *Usos e Costumes Religiosos*, pelo Abade Oliveira Guimarães, na *Portugália*, vol. I, pág. 851.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.